

A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA APRESENTA


ESPETÁCULO

A ÚLTIMA NEGRA



O que você faria se acordasse sendo a única sobrevivente de um massacre? O que faria se suas memórias fossem apagadas? Em um Brasil de primeiro mundo, a descoberta de uma mulher negra congelada por 100 anos reacende a discussão acerca do racismo estrutural existente no país. Um artefato arqueológico? Uma vítima do sistema? Ou apenas uma mulher tentando reaver suas histórias roubadas? Quem é a Última Negra?





“Eu sei porque você
não quer que eu saia.
Você tem medo que
eles façam comigo
como fizeram com ela,
né?”

Dandara

“É importante começar situando onde estamos, de onde olhamos, porque aqui assinalamos no tempo o nosso próprio tempo. Estamos no meio de uma pandemia mundial onde as poucas oportunidades se escassam ainda mais, os males do mundo não só seguem os mesmos como foram amplificados. Se o mundo tem se apresentado cruel para às mulheres, para os pobres, para os LGBTQIA+, para os negros, para os artistas e para tantos outros grupos, façamos o exercício de imaginar quando a sua existência é um combo desses predicados. Falo de mim enquanto uma diretora teatral há pouco formada e que almeja viver de sua profissão num momento onde minha formação prévia que previa a presença, o olho no olho e a proximidade se encontra suspensa. Estamos vivendo o “velho anormal” estado das coisas. Falo de mim também porque sou uma das poucas mulheres negras que pôde se formar e atuar como diretora em nosso país e é baseado neste país que a ficção contada no espetáculo A Última Negra acontece. Um país onde ainda somos tantas vezes a única, a exceção que comprova a regra. Que se atente o olhar e se desconfie de todos os espaços e agrupamentos onde as mulheres negras não estão neste país onde somos numericamente maioria.

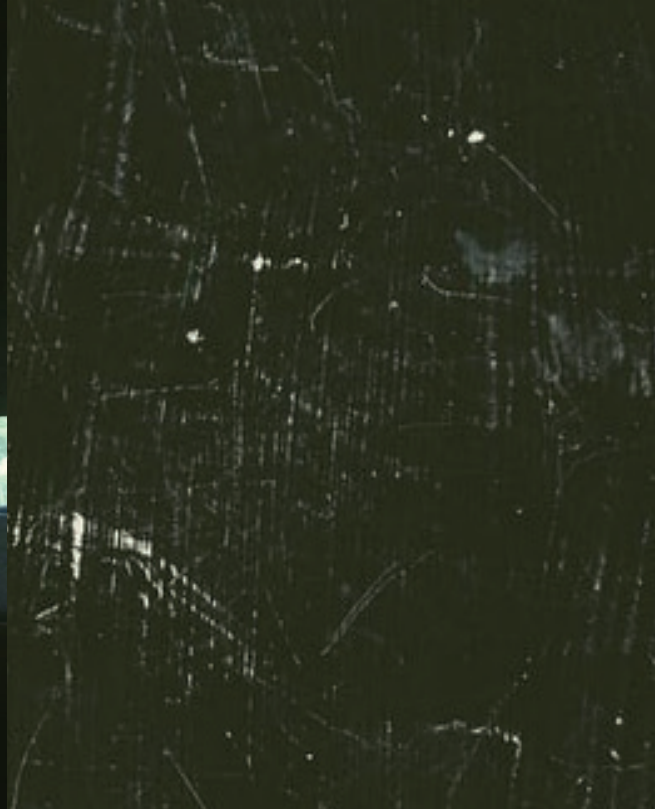
O texto escrito por Pedro Bertoldi é uma ficção, uma aventura que passeia por denúncias e dores reais, por feridas que ainda estão abertas porém num Brasil distópico, um Brasil onde a população negra foi “sumindo até desaparecer”, como diria uma das personagens num eufemismo cínico. Nesta nova pátria de ouvintes as pessoas vivem numa

democracia onde as mulheres tem direitos iguais e embora o texto não evoque dados estatísticos é impossível não pensar no Mapa da Violência de 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), que aponta nos últimos 10 anos um aumento de 54% no número de homicídios de mulheres negras, enquanto no mesmo período a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%. Quando se fala de mulheres, de conquistas de mulheres, de quais mulheres estão falando?

Neste cenário Dandara (Hayline Vitória) é encontrada num compartimento de gelo e passa a ser tratada como um grande achado de valor museológico e é a partir daí que nosso espetáculo começa, com as lentes apontadas às contradições dessa pátria de ouvintes, democrática e dita acolhedora, expondo a inabilidade da branquitude reinante em romper com sua sanha colonizadora. Para a versão virtual além das adaptações textuais, um dos grandes desafios foi mesmo aprender com o próprio processo, compartilhar com Camila Bauer a direção de um trabalho em um coletivo que já tem sua trajetória, sua estética e modos de trabalhar, além do pragmático “como se fazer um espetáculo virtual lidando com todas as intempéries, variados equipamentos e sinais de internet”. Não acredito que tenhamos uma resposta do como fazer, que não seja de fato fazendo, não caindo da armadilha precoce de definir uma fórmula de um tempo que espera-se temporário nem enterrando um teatro que segue vivo, tal como Dandara.

Nós sempre voltamos.”

SILVANA RODRIGUES / DIRETORA



"A escrita de A Última Negra começou oficialmente em 2019, mas acredito que ela tenha nascido muito antes. Uma escrita permeada por minha ancestralidade, por histórias vividas pelos meus e outras que inventei (sim, nossas histórias são dignas de serem contadas e reinventadas). É isso. A Última Negra é uma reinvenção de mim. Quando Dandara fala, falo eu menino, tantas vezes o último de minha classe. Fala minha mãe e minha avó. Falam centenas de milhares de Dandaras. Nosso brado ecoa, sendo impossível abafar. Não seremos os últimos, OK?"



PEDRO BERTOLDI / DRAMATURGO





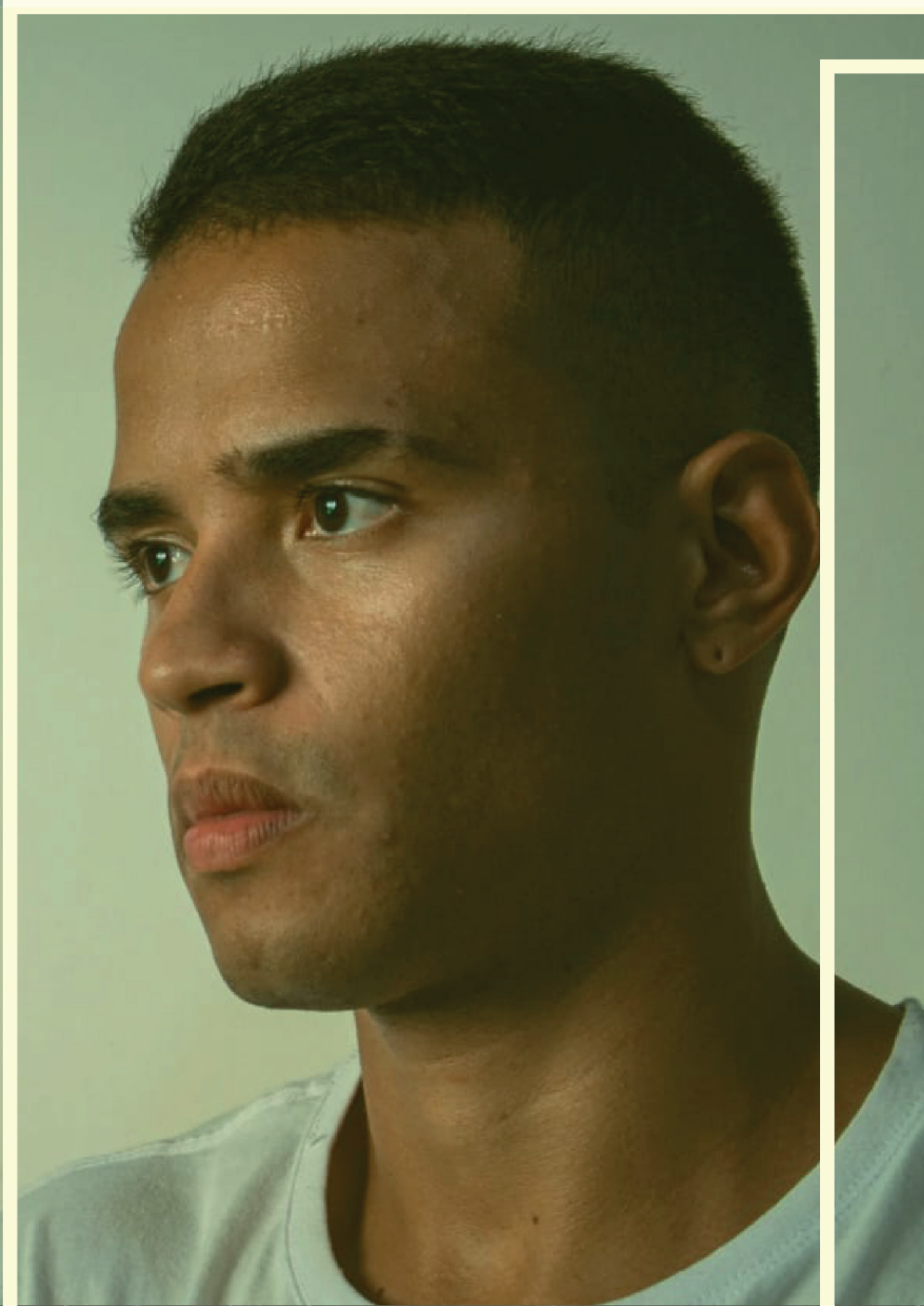
“Produzir, protagonizar, propor e ser presenteada pelo espetáculo A ÚLTIMA NEGRA é uma honra para mim. A cada dia percebo que esse projeto é imenso e é pro mundo, é pra mim e para o outro, é ancestral. O texto traz reflexões fortes e fáceis de compreender, mas difíceis de serem postas em prática. Inicialmente a peça foi pensada para o formato presencial, mas em decorrência da pandemia teve de ser realizada no virtual, essa adaptação me faz entender que as Dandaras hoje presas de algum modo pelo racismo e nas mazelas dessa sociedade têm sede e urgência de libertação, pois desejam ecoar as suas vozes e estarem sentadas nos tronos que lhes são de direito. Por isso, elas estão em todos os lugares e brotam como florestas.”

HAYLINE VITÓRIA

“Há muito tempo me questiono sobre o que seria “Teatro Negro” ou a busca de uma “Estética negra no teatro brasileiro”. O início deste projeto é bem didático e revelador. Ao longo do processo a ficha, de que deveríamos olhar de forma diferente para os créditos da composição técnica que integra o trabalho, foi caindo. São esses movimentos que fazem a diferença, para mim. A primeira ação foi buscar uma diretora negra, afinal de contas estamos falando da última negra e nem vislumbramos a primeira. É um longo caminho. Sempre será. Não me iludo quanto à isso. Ao saber contra o que temos que lutar, nossas ações tornam-se mais efetivas. Sou agradecido por poder trilhar este caminho com artistas que encaram os desafios agindo com as possibilidades que se apresentam, sem fazer concessões. Sou mais um artista Afro-gaúcho em movimento.”



ÁLVARO ROSACOSTA



“Eu estou, simplesmente, amando a experiência com o Projeto Compa. Estou trabalhando com pessoas que considero mestres no fazer artístico. Tem sido um grande desafio para nós do teatro nos adaptarmos a atual realidade pandêmica que estamos vivendo enquanto Nação. Ao mesmo tempo tem sido bastante enriquecedor. Processo de muito aprendizado. Atuo no espetáculo A Última Negra. Interpreto um soldado que entra em conflito com seu trabalho após perceber que tem manchado suas mãos de sangue matando pessoas da mesma origem que ele. Acredito que o espetáculo tem um texto forte e uma mensagem bastante potente.”

FABRÍCIO ZAVAREZE

“Integrar o processo do Projeto A Última Negra está sendo muito enriquecedor, tanto no campo artístico quanto no campo pessoal. Troca e aprendizagens são constantes, mesmo em um processo à distância (realizado de forma remota) me sinto conectado aos meus colegas e pares nessa empreitada. Com certeza iremos construir um lindo trabalho repleto de resistência, consciência e afeto.”



HENRIQUE GONÇALVES



“O projeto A Última Negra que nasceu com a ideia principal de realização presencial em teatros ou salas de espetáculos acabou enfrentando um período de pandemia e contou com uma equipe de trabalho de garra e perseverança que adaptou o projeto para o formato virtual. A montagem do texto de um jovem dramaturgo gaúcho, Pedro Bertoldi, e de duas diretoras, também gaúchas, Camila Bauer e Silvana Rodrigues, nos permite a valorização dos talentos profissionais locais. O formato virtual foi uma ferramenta e um desafio para os artistas na criação deste espetáculo.”

FABIANE SEVERO

“É sempre uma alegria pesquisar o nosso fazer, junto a esse grupo de artistas tão potentes que formam o Coletivo de Teatro *Projeto GOMPA*. Grupo que tenho a honra de integrar desde 2017. Em especial, quando a temática é tão urgente quanto a do espetáculo *A Última Negra*. Uma grande oportunidade para refletir e trabalhar na desconstrução de estruturas desiguais que foram impostas pela sociedade em que vivemos.”



GUILHERME FERRÊRA



Desafios da construção de uma peça durante a pandemia

“A criação do espetáculo virtual A Última Negra nos trouxe uma série de novos desafios, ao termos que adaptar um texto escrito para o palco a um formato virtual. Foi nossa primeira incursão enquanto coletivo neste tipo de linguagem. Ensaiar e apresentar pela internet se revelou nossa única alternativa viável e segura de criação dentro do contexto em que estamos vivendo. Quando o país registra quase 300 mil mortes em um ano por uma única doença, é difícil encontrar energia e forças para seguir criando. Mas o assunto desta peça é tão urgente e necessário, que fomos juntos driblando as dificuldades e buscando formas para que a arte seguisse viva, seguisse nos mantendo vivos, em estado de alerta e de encontro, entre conexões de internet lenta, delays e perdas de sinal. Tendo plataforma de videochamadas como sala de ensaio, o celular como olhar conector e a vontade e a

necessidade de criar como combustível, o espetáculo que chega ao público neste abril de 2021 vem recheado de um contexto histórico, de um momento absolutamente singular em nossas vidas; vem repleto de dúvidas, medos, incertezas, raiva, desespero, mas também de força, desejos, potências e amor, de sonhos compartilhados sobre outras realidades possíveis. Num horripilante contexto em que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, num país imerso em racismos históricos e estruturais, em índices ascendentes de feminicídio, majoritariamente entre as mulheres negras, o espetáculo A Última Negra nos convoca a uma reflexão e, mais do que isso, a ação. No desejo de que em breve a história contada nesta peça não passe de ficção, vestígio de um tempo que ficou para trás, seguimos.

Há ainda muito trabalho pela frente.”

CAMILA BAUER / DIRETORA

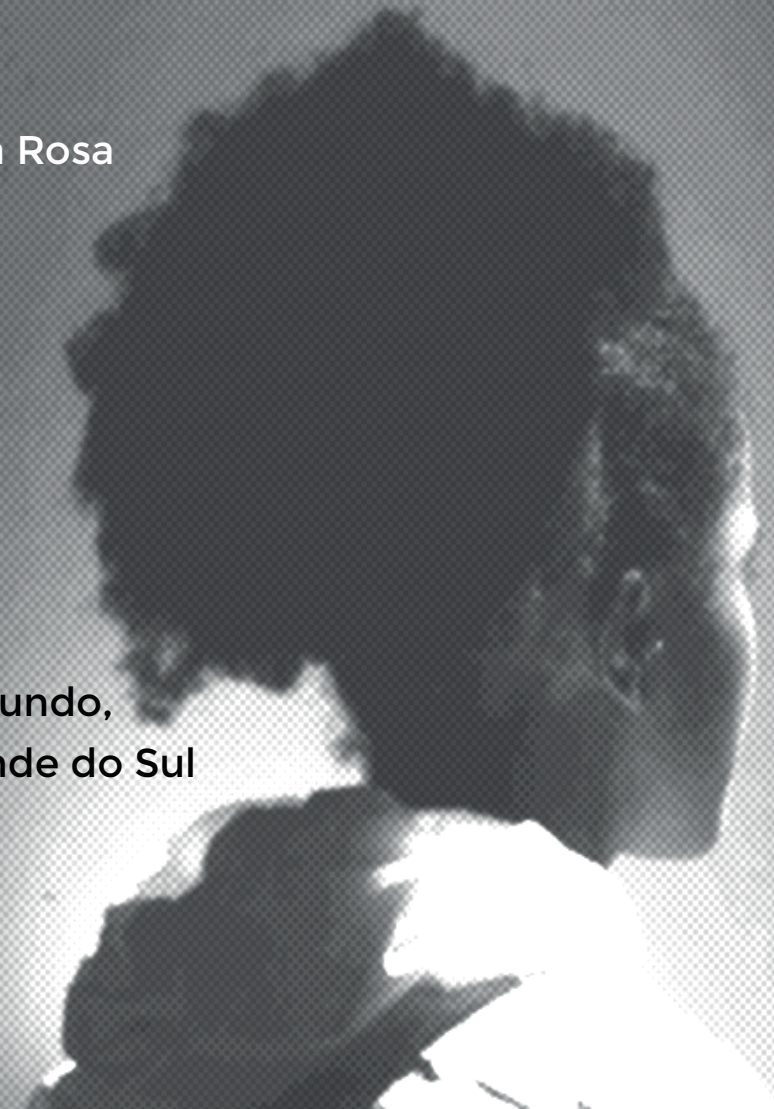


História original e dramaturgia \\ Pedro Bertoldi
Direção \\ Camila Bauer e Silvana Rodrigues
Elenco \\ Hayline Vitória, Álvaro RosaCosta, Fabrício Zavareze,
Fabiane Severo, Guilherme Ferrêra e Henrique Gonçalves
Captação e edição de imagens \\ Júlio Estevan
Trilha sonora original e edição de som \\ Álvaro RosaCosta
Orientação de Figurino \\ Fabiane Severo e Guilherme Ferrera
Designer gráfico \\ Mitti Mendonça
Fotografia e criação de teasers \\ Júlio Estevan
Assessoria e produção de conteúdo de mídias \\ Tainã Rosa
Assessoria de imprensa \\ Thais Silveira
Produção de vídeo \\ Júlio Estevan
Produção musical \\ Álvaro RosaCosta
Produção Administrativa e Cultural \\ Hayline Vitória
Produção Executiva \\ Silvia Duarte

Realização \\ Projeto GOMPA

Apoio \\ EntreAtos

Financiamento \\ Pró Cultura RS - Lei de incentivo e Fundo,
Secretaria da Cultura - Governo do Estado do Rio Grande do Sul



REALIZAÇÃO & PRODUÇÃO



CONTATO:

Hayline Vitória | (51) 99469.3364

haylinerosa@gmail.com

aultimanegra@gmail.com

REDES SOCIAIS:

A Última Negra

[instagram.com/aultimanegra](https://www.instagram.com/aultimanegra)

[facebook.com/aultimanegra](https://www.facebook.com/aultimanegra)

Projeto Compa

Instagram: [@projetogompa](https://www.instagram.com/projetogompa)

Facebook.com/projetogompa

SITE:

WWW.PROJETOGOMPA.COM



“...Ela disse que éramos iguais, mas quando eu pedi que ela dissesse algo que nos tornava iguais, ela não sabia dizer...~”

Dandara

Realização:



Financiamento:



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA CULTURA